



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Gabinete do vereador Celso Giannazi

PROJETO DE LEI nº

Acrescenta à denominação do Parque do Bixiga o nome Zé Celso Martinez Corrêa.

A CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO DECRETA:

Art. 1º Fica acrescido à denominação do Parque do Bixiga o nome Zé Celso Martinez Corrêa.

Art. 2º As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas, se necessário.

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões,

CELSO GIANNAZI
Vereador - PSOL

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Gabinete do vereador Celso Giannazi

JUSTIFICATIVA

José Celso Martinez Corrêa, nasceu no dia 30 de março de 1937, na cidade de Araraquara, interior do estado de São Paulo. Faleceu no dia 06 de julho de 2023, após um acidente doméstico em seu apartamento no bairro Paraíso, zona sul da cidade de São Paulo.

Filho de Jorge Borges Corrêa e Ângela Martinez Corrêa (Lina), Zé Celso, como ficou conhecido, mudou-se para São Paulo para estudar na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo – USP. No curso superior integrou o Centro Acadêmico XI de Agosto, no qual fez com que se dedicasse integralmente ao teatro, tornando-o um dos maiores artistas brasileiros da história.

Foi amigo de infância do escritor Ignácio de Loyola Brandão. Zé Celso começou profissionalmente no teatro com uma peça de sua autoria, *Vento Forte para Papagaio Subir*, em 1958, e *A Incubadeira* (1959), também de sua autoria. Com a direção de Amir Haddad, o Oficina produz as duas peças. *A Engrenagem*, encenada pelo grupo em 1960, tem o intuito de homenagear Jean-Paul Sartre que visitava o país; a peça foi traduzida e adaptada juntamente com Augusto Boal.

Após a montagem de *Todo Anjo é Terrível*, em 1962, a equipe encena *Pequenos Burgueses*, de Máximo Gorki, que teve enorme repercussão. *Pequenos Burgueses* rende a José Celso todos os prêmios de melhor direção do ano.

Interessado em eventos culturais, artísticos e políticos, Zé Celso intercalou entre o cinema e o teatro. Trabalhou em *Encarnação do Demônio* (2007), de José Mojica Marins (lançado em 2008), dirigiu e atuou em inúmeras peças teatrais, tendo comandado o Teatro Oficina, mesmo depois de cinquenta anos – como em *Santidade* (2007).

Em 1962, o grupo passa por um processo de profissionalização e dedica-se a montagens realistas como *Todo Anjo é Terrível*, da dramaturga norte-americana Ketti Frings (1909-1981), adaptado do romance autobiográfico do escritor Thomas Wolfe (1900-1938), e, no ano seguinte, *Pequenos Burgueses*, do dramaturgo russo

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Gabinete do vereador Celso Giannazi

Máximo Gorki (1868-1936), com enorme repercussão. O diretor consegue estabelecer um interessante paralelo entre as perplexidades da Rússia pré-revolucionária e as de um Brasil às vésperas do golpe civil-militar, levando todo o elenco a desempenhos emocionantes. Segundo alguns críticos, é a mais perfeita encenação stanislavskiana¹ do teatro brasileiro.

Após o golpe civil-militar (1964), o grupo amplia sua pesquisa cênica a partir de uma perspectiva política. Sua primeira resposta à nova situação é *Andorra*, do escritor suíço Max Frisch (1911-1991), exibida ainda em 1964. O texto trata de questões ligadas ao antissemitismo pós Segunda Guerra (1939-1945), mas serve ao Oficina como metáfora para firmar posição contra a perseguição e violência do regime autoritário brasileiro. A encenação se mostra crua e despojada e, paradoxalmente, entremeada de momentos líricos. O espetáculo marca a transição do trabalho de Zé Celso do realismo do dramaturgo russo Stanislavski (1863-1938), presente na construção dos personagens, para o teatro épico do dramaturgo alemão Bertolt Brecht (1898-1956), cuja referência se apresenta na postura crítica da encenação, mesmo que ainda tímida.

O diretor viaja à Europa ainda em 1964 e aprofunda seus estudos das teorias do dramaturgo alemão, enquanto o Oficina excursiona pelo Uruguai. De volta ao Brasil em 1966, Zé Celso inicia os ensaios de *Os Inimigos*, também de Gorki. O resultado da montagem apresenta-se estimulante, inquieto e polêmico. Zé Celso não abre mão dos temas políticos, mas propõe uma nova abordagem estética para o período.

Em 1967, abre-se uma possibilidade poética e teatral a Zé Celso: a antológica montagem de *O Rei da Vela*, de [Oswald de Andrade \(1890-1954\)](#). *O Rei da Vela* propõe uma escritura cênica paródica e violenta, grotescamente estilizada, que busca inspiração em diferentes estilos, concretizando um teatro antropofágico. A realização ganha uma posição de liderança na Tropicália, e Zé Celso se estabelece como figura chave do movimento no Teatro.

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Gabinete do vereador Celso Giannazi

Em 1968, Zé Celso dirige *Roda Viva*, de [Chico Buarque \(1944\)](#), no Rio de Janeiro, sua primeira experiência fora do Oficina. Tomando o texto de Chico Buarque em torno da vida de um ídolo da canção popular que é manipulado pela imprensa e indústria fonográfica. A peça sofreu censura e os artistas perseguidos pela Ditadura Militar.

Após se dedicar à edição do filme de *O Rei da Vela*, isolado da classe teatral e tentando novos rumos artísticos, transforma o grupo na comunidade Oficina-Samba e lança, em 1974, um documento à opinião pública intitulado S.O.S. Pouco depois, é detido e torturado. Solto após 20 dias, parte para o exílio em Portugal, acompanhado de integrantes do Oficina-Samba, e apresenta espetáculos, além de dirigir o documentário *O Parto*, sobre a Revolução dos Cravos (1974). No ano seguinte, viaja para Moçambique, onde realiza o filme *25*, sobre a independência daquele país.

Nos anos 1980, dedica-se à pesquisa cênica e à construção de oficinas ministradas no espaço do Teatro Oficina. Em 1991, Zé Celso retoma a cena em *As Boas*, de Jean Genet (1910-1986), em que atua ao lado de Raul Cortez (1931-2006) e Marcelo Drummond (1962), seu novo companheiro de trabalho, que o acompanha nas décadas seguintes, dividindo a gestão da nova fase do grupo.

Zé Celso foi um dos mais importantes intelectuais e lideranças do teatro brasileiro, com grande influência também em outras áreas artísticas, como o cinema. Com carreira longa e em constante evolução, sem receio de experimentações, exerceu uma construção cênica que provoca atores e públicos, além de ter a realidade política e social do país sempre como norte de seus trabalhos.

Em homenagem póstuma a Zé Celso, a escola de samba [Vai-Vai](#) anunciou o enredo "*O Xamã Devorado y A Deglutição Bacante de Quem Ousou Sonhar Desordem*" para o carnaval de 2025.

"José Celso Martinez Corrêa é o maior artista do teatro brasileiro de todos os tempos. Ele teria como rivais João Caetano no século 19, Arthur Azevedo, já no começo do século 20, o grande Procópio Ferreira e Leopoldo Fróes nos anos 1920 e 1930 e as divas dos anos 1950, principalmente Cacilda Becker, que é uma espécie de mãe

**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

Gabinete do vereador Celso Giannazi

espiritual dele. Mas comparado a todos esses gigantes do teatro brasileiro, ele foi o que constituiu a mais genuína forma cênica de teatralidade brasileira, comparável às maiores realizações dos grandes encenadores dos séculos 20 e 21. Então por tudo isso, ele é o nosso maior artista no teatro e um dos maiores de sua época". Luiz Fernando Ramos, professor da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP) e diretor do Teatro da USP, o Trusp.

Desta forma submeto a presente propositura aos Nobres Pares para a aprovação, como tributo à história de Zé Celso.